

EMBAIXADA DO BRASIL EM BAGDÁ

RELATÓRIO DE GESTÃO

EMBAIXADOR MIGUEL JÚNIOR FRANÇA CHAVES DE MAGALHÃES

Brasil e Iraque mantêm relações diplomáticas desde 1967 e a embaixada brasileira em Bagdá foi instalada inicialmente em 1972. Em razão de conflitos armados neste país, a representação diplomática brasileira junto ao governo iraquiano, entre 1991 e 2012, foi transferida para Amã e, em 2012, o Brasil voltou a contar com embaixador residente em Bagdá.

2. O Iraque foi importante parceiro comercial do Brasil nas décadas de 70 e 80, quando as vendas de óleo cru iraquiano chegaram a representar 60% do petróleo importado pelo Brasil. A Petrobras, por meio de sua subsidiária Braspetro, descobriu e explorou como concessionária, por 8 anos, os supercampos de Majnoon e Nahr Umr, no sul do Iraque, tendo sido obrigada a sair do país com a eclosão da Guerra Irã/Iraque. Do nosso lado, exportamos principalmente, naquelas décadas, material bélico, automóveis, alimentos e serviços de engenharia. Até hoje, líderes políticos e militares lembram a presença de Urutus, Cascavéis, baterias de mísseis Astros e Passats (aqui conhecidos popularmente como Brazili).

3. Além desses produtos, as estradas e a ferrovia construídas por empresas nacionais brasileiras elevaram substancialmente a boa imagem do Brasil junto ao Iraque e ao mundo árabe em geral, tendo gerado milhares de empregos para brasileiros e substanciais rendimentos a diversas empresas nacionais. Os sucessivos conflitos armados que afligem o Iraque desde a guerra com o Irã, deflagrada pelo ditador Saddam Hussein em setembro de 1980, seguida do ataque ao Kuaite, pelo mesmo Saddam Hussein, em 1990, e a invasão e ocupação americana do Iraque entre 2003 e 2011, praticamente eliminaram a presença brasileira nos cenários político, comercial,

militar e cultural do Iraque nas últimas três décadas.

4. O PIB iraquiano atingiu US\$ 234 bilhões em 2019 (crescimento de 4,4% em relação a 2018, ao passo que a média de crescimento entre os países do Oriente Médio e África Setentrional foi de 1,8%). Dentre os seus vizinhos, o Iraque tem a quarta maior economia ficando atrás da Arábia Saudita (PIB de US\$ 793 bilhões), da Turquia (US\$ 754 bilhões) e do Irã (US\$ 445 bilhões), mas à frente do Kuaite (US\$ 135 bilhões) e da Síria (US\$ 40,5 bilhões). Na última década, a renda "per capita" no Iraque aumentou 58%, embora persista expressivo desequilíbrio na distribuição (Gini de 29,5). O consumo das famílias iraquianas vem, no entanto, expandindo, nesse mesmo período, a taxas anuais médias de 2,2%.

5. Os principais países exportadores para o Iraque - sem considerar o comércio triangulado via Emirados Árabes Unidos (21,2%), por onde passa a maioria dos produtos para cá exportados, inclusive os brasileiros - seguem sendo os seus vizinhos Irã (16,8%) e Turquia (15,6%), seguidos pela China (14,8%). Nesse "ranking", o Brasil ocupa atualmente a décima-quarta posição (era o vigésimo-segundo maior exportador dois anos antes), com exportações que totalizaram, em 2019, US\$ 658 milhões (1,6%) correspondendo a um crescimento de 36% nos últimos 5 anos.

6. Em 2019, o Brasil teve superávit de US\$ 423 milhões no comércio bilateral com o Iraque. A corrente de comércio entre os dois países chegou a US\$ 1,1 bilhão. Mais uma vez, o Iraque vendeu para o Brasil exclusivamente petróleo bruto. O Brasil, por outro lado, responde por 60% do açúcar (US\$ 335,2 milhões), 27% da carne de aves (US\$ 155,5 milhões) e 10% da carne bovina (US\$ 20,7 milhões) exportados para o mercado iraquiano. A venda de açúcar brasileiro para o Iraque mais do que duplicou nos últimos cinco anos e a de carne de aves cresceu 17%. A exportação de boi vivo brasileiro (US\$ 29,5 milhões) para cá também merece destaque, respondendo por 27% do total importado.

7. As reservas de hidrocarbonetos do Iraque (145 milhões de barris de óleo, 3,7 bilhões de pés cúbicos de gás

natural) e sua extração a baixíssimo custo (4,4 milhões de barris/ano de óleo e 11 milhões de pés cúbicos de gás) asseguram a este país lugar preponderante no suprimento global de petróleo e gás natural. A recente queda do preço do petróleo no mercado internacional vem afetando o orçamento federal, dependente quase exclusivamente das exportações de petróleo.

8. Atualmente, o Iraque oferece potencial de negócios em praticamente qualquer setor econômico, já que o país, rico em petróleo, importa praticamente tudo o que consome. É certo que desafios permanecem nas áreas de segurança, tanto física quanto jurídica. No entanto, as oportunidades parecem ser bastante atrativas para que empresas coreanas, chinesas, japonesas, francesas, britânicas, alemãs, italianas, turcas, americanas e, é claro, de países árabes estejam expandindo seus negócios aqui. Em 2018, após gestões inteiramente acatadas pela Secretaria de Estado das Relações Exteriores (SERE), o posto foi autorizado a reabrir o Setor de Promoção Comercial (SECOM), cujas atividades registradas o colocaram em décimo-quarto lugar na rede global de SECOMs do Itamaraty.

9. Brasil e Iraque assinaram, em 14 de setembro de 2018, contrato de reestruturação da dívida iraquiana com o governo brasileiro (decorrência das quebras de contratos pelo ditador Saddam Husein). O montante total do débito, consolidado em US\$ 430.947.465,49 ao final de negociações realizadas em 2004, foi reduzido para US\$ 44.172.115,21 depois de o Brasil oferecer ao Iraque redução de suas obrigações financeiras em 89,75%. Reconhecendo os esforços empreendidos pelo lado brasileiro para o equacionamento dessa pendência, o governo iraquiano antecipou o pagamento acordado liquidando o débito imediatamente. Desde a sua chegada em 2015, o chefe do posto, embora ciente da condição de país exportador de petróleo, passou a encorajar a renegociação da dívida do Iraque por entender que se tratava de medida indispensável para a normalização das relações econômicas e comerciais entre os dois países, abrindo caminho para a retomada do financiamento de projetos bilaterais de infraestrutura e de operações de exportação e importação.

10. A reabertura da embaixada brasileira, com embaixador residente em Bagdá, em 2012, marcou o processo de retomada das relações políticas e ajudou a reativar o comércio bilateral. Historicamente, o Iraque tem sido - e continua a ser - país fundamental no Oriente Médio. Sua população de cerca de 38 milhões de pessoas - com composição étnica variada entre árabes, curdos, turcomanos, assírios, yazedis e outros professando cultos xiita, sunita, cristão, yazedi e outros - vive em território que faz fronteira com seis países (Irã, Arábia Saudita, Kuaite, Jordânia, Síria e Turquia), tornando o Iraque foco da conturbada região.

11. Os referidos conflitos armados, internos e externos, tornaram o Iraque palco de intensas e frequentemente letais disputas entre facções etnoconfessionais, controladas e financiadas pelas maiores potências globais e regionais (Estados Unidos, Irã, Turquia, Arábia Saudita, entre outras). Desde o término da ocupação americana em 2011, sucessivos governos iraquianos - em sistema de governo parlamentar, unicameral, com representação proporcional por listas partidárias - têm buscado alcançar difícil equilíbrio ante as pressões iranianas, e restrições de listas de candidatos asseguram ao Iraque posição ímpar na região, dominada por monarquias absolutas, ditaduras civil ou militar, e teocracia.

12. A mazela do terrorismo tem posto à prova a jovem democracia iraquiana. Os oito anos de ocupação americana geraram grupos de resistência armada, vários dos quais se transformaram posteriormente em instrumentos do extremismo islâmico e/ou da política externa de potências regionais. Exemplos maiores são a Al Qaeda, o autodenominado "Estado Islâmico" (EI) e as diversas milícias xiitas controladas por Teerã, tais como a "Asa'ib Ahl al-Haq" e a "Kata'ib Hezbollah". A Al Qaeda foi praticamente eliminada no Iraque. O EI, apoiado de maneira indireta por velados interesses sunitas alegadamente oriundos da Arábia Saudita, Qatar e Turquia, dominou cerca de 35% do território iraquiano entre 2016 e 2019, inclusive Mosul, a segunda maior cidade do país, e chegou a 45km de Bagdá. O EI foi derrotado por uma

combinação, pelo lado iraquiano, das forças armadas, polícia federal, diversas milícias xiitas, algumas sunitas e duas cristãs, e, também, com a decisiva ajuda de tropas e aviação da coalizão de países, liderada pelos Estados Unidos. Apesar da perda de controle territorial, o EI segue operacional e, crescentemente, vem perpetrando atos terroristas em Bagdá, Najaf, Kirkuk e áreas rurais na fronteira com a Síria.

13. As milícias sunitas e cristãs praticamente debandaram após a retomada de Mosul em julho de 2017 ou foram absorvidas pelas forças armadas regulares, mas boa parte das milícias xiitas nunca abandonou as armas e, pressionando o governo iraquiano, formaram o cerne das Forças de Mobilização Popular (PMF, em inglês), nominalmente dentro da estrutura do Ministério do Interior do Iraque. Essas milícias, fortemente armadas e experientes após anos de combate no Iraque e na Síria, executam, frequentemente, disparos de foguetes contra as instalações das cerca de 5 mil tropas americanas no Iraque. No entanto, as atividades principais das milícias xiitas consistem, atualmente, em extorsão e sequestros com fins lucrativos e, para isso, controlam grande parte das estradas, postos fronteiriços e o comércio de diversos bairros das principais cidades do Iraque.

14. O ápice da influência iraniana se deu nos oito anos do governo do PM Nouri Maliki, entre 2006 e 2014. Seu sucessor, PM Haider Abadi, embora do mesmo partido de Maliki, o "Islamic Dawa Party", buscou diversificar laços econômicos com a Arábia Saudita e países do Golfo (todos sunitas). Os cuidados iranianos recrudesceram durante a campanha eleitoral iraquiana de 2018 e motivaram a escolha de Abdul Mahdi ao posto de primeiro-ministro. A hegemonia iraniana começou a ser frontalmente questionada, no entanto, com o início de manifestações populares em outubro de 2019, em Bagdá. O movimento popular alastrou-se pelas maiores cidades do país e mantém-se até hoje como pressão sobre as autoridades constituídas, o que foi suficiente para forçar a renúncia de Al-Mahdi, em novembro de 2019, e sua substituição, em maio de 2020, por Mustafa Al-Kadhemi.

15. O controle de Teerã sobre diversas milícias no Iraque

sofreu sério revés com o assassinato do comandante da Quds Force, Qasem Soleimani, em operação americana com drones, na estrada do aeroporto de Bagdá, em 3 de janeiro de 2020. Embora tenha sido rapidamente substituído, seu carisma, domínio da língua e costumes árabes, além de dezenas de anos de atuação direta no Iraque (onde entrava e saía sem avisar as autoridades iraquianas), deixaram lacuna substancial no planejamento e execução de operações militares iranianas voltadas maiormente contra a presença de americanos nos países do Oriente Médio. O assassinato de Soleimani em Bagdá motivou o Parlamento iraquiano, no dia 6 de janeiro deste ano, a votar moção demandando a retirada das tropas americanas, mas, até agora, Washington tem conseguido convencer as chefias de Estado, de Governo e do Parlamento a não implementarem a medida. Temores de recrudescimento de violências entre sunitas e xiitas, aliados à percepção de que o apoio militar e financeiro americano ainda são indispensáveis, parecem ter sido bastantes para o governo iraquiano haver freado o impulso inicial de retaliar contra a operação militar americana.

16. Desde o final da ocupação militar, em 2011, os Estados Unidos mantêm relevante presença no Iraque. A embaixada americana em Bagdá é a maior do serviço exterior estadunidense, ocupa uma área equivalente à metade do bairro de Ipanema e já chegou a contar com 5 mil funcionários (atualmente, há cerca de 1.200). A presença de tropas americanas (estimadas em 6 mil hoje em dia) está inserida no mandato da coalizão internacional que, convidada pelo governo iraquiano, presta treinamento a unidades de elite no combate ao terrorismo, assiste as forças armadas regulares iraquianas com inteligência e planejamento de operações, e executa missões de reconhecimento e bombardeio aéreo contra alvos terroristas.

17. Ainda no plano externo, merecem registro, também, as incursões militares turcas em território iraquiano, declaradamente para combater integrantes do PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos), organização político-militar, considerada terrorista pelos EUA e União Europeia, que almeja independência para os curdos turcos. O PKK mantém bases e campos de refugiados na região fronteira do

Iraque com a Turquia, cujo governo também mantém pequenas bases militares dentro do território iraquiano. Respondendo aos protestos de Bagdá contra os óbvios desrespeitos à soberania do Iraque, Ancara argumenta ter o direito de "perseguir e neutralizar", fora de suas fronteiras, "terroristas que atentam contra a sua segurança".

18. Os curdos iraquianos - maior minoria do Iraque, com cerca de 5 milhões de habitantes - vivem como uma província semiautônoma, e contam com governo e forças de defesa próprios (peshmergas). Em setembro de 2017, o presidente do Governo Regional do Curdistão (KRG), Masoud Barzani, realizou referendo sobre a independência da província curda. Apesar dos quase 93% votos a favor, a iniciativa foi fortemente rejeitada por Bagdá, Teerã e Ancara, que fecharam suas fronteiras com o Curdistão (até então o KRG dispunha de alfândega própria), suspenderam voos e sumariamente asfixiaram a tentativa de independência dos curdos iraquianos. Atualmente, o tema está superado, e o maior ponto de contenção entre Bagdá e Erbil voltou a ser a remessa de 17% do orçamento federal iraquiano para o Curdistão, em troca do envio, por Erbil, da receita da exportação de, pelo menos, 250 mil barris de petróleo.

19. O governo do PM Mustafa Kadhemi, com quase três meses, tem tomado medidas para deixar claros os limites por ele considerados aceitáveis à atuação de grupos de interesses pró-Irã. Além de buscar agenda política e econômica um pouco mais liberal, vem atuando de forma firme contra as mais importantes e simbólicas milícias xiitas leais a Teerã, com invasão de suas instalações, apreensão de materiais e detenção de pessoal. Para isso, o apoio norte-americano tem sido fundamental, por meio de informações de inteligência e da presença de tropas da Coalizão Internacional contra o Estado Islâmico, que atuam como elemento dissuasório da presença iraniana. Kadhemi enfrenta outros desafios importantes, tais como a concretização da promessa de reformar a legislação eleitoral e realizar eleições (seu mandato não contou com a legitimidade das urnas, pois, tecnicamente, substituiu o PM Mahdi, demissionário), o fornecimento de serviços básicos, como eletricidade, água potável e

saneamento (as notórias deficiências nesses setores se tornam letais em algumas regiões durante o verão, quando temperaturas médias oscilam entre 45 e 50 graus, à sombra) e, talvez, mais fundamentalmente, o combate à corrupção que paralisa e corrói a máquina estatal.

20. Cooperação e Acordos bilaterais:

a) Memorando de Entendimento para Consultas Políticas: O Brasil propôs, em agosto de 2017, negociação de "Memorando de Entendimento para o Estabelecimento de Consultas Políticas" com o Iraque. A contraproposta iraquiana, apresentada em dezembro do mesmo ano, foi objeto de imediata reação do lado brasileiro. O memorando foi, afinal, firmado pelo chefe do posto, em 26 de junho de 2018, durante visita do então subsecretário-geral da África e do Oriente Médio, embaixador Fernando José Marroni de Abreu.

b) Comissão Mista: O cumprimento, pelo governo brasileiro, dos requisitos para a entrada em vigor do "Memorando de Entendimento sobre o Procedimento para Restabelecer Comissão Mista", assinado em 26 de outubro de 2011, foi levado ao conhecimento da chancelaria iraquiana em abril de 2012. Considerando que o referido memorando de entendimento passará a ter efeito apenas depois de o Iraque se manifestar formalmente sobre o cumprimento dos requisitos também por sua parte (Artigo 8o), a Embaixada em Bagdá consultou reiteradas vezes a chancelaria iraquiana sobre o estado da tramitação do acordo sem, no entanto, ter obtido reação até este momento.

c) Cultural e Educacional: A embaixada do Iraque em Brasília solicitou à SERE, em março de 2013, informações sobre a vigência ou caducidade do "Acordo de Cooperação Cultural e Educacional" assinado entre os dois países em 25 de março de 1982. A SERE esclareceu, nesse mesmo mês, que referido acordo permanecia em vigor, nos termos do seu Artigo XVIII (NV DAI4-2013). Apesar disso, a chancelaria iraquiana, fundamentando-se no que enuncia o item IV do relatório do nono encontro da Comissão Mista Bilateral Brasil-Iraque, enviou para esta embaixada, em junho de 2013, proposta de texto de "Protocolo Executivo

de Cooperação Cultural entre o Ministério da Cultura da República Federativa do Brasil e o Ministério da Cultura do Iraque para os Anos 2013 a 2015". Aguarda-se reação do lado brasileiro.

d) Esportiva: Brasil e Iraque concordaram, em maio de 2012, em negociar texto de "Memorando de Entendimento [ou Acordo, como preferiram os iraquianos] sobre Esportes entre o Ministério dos Esportes da República Federativa do Brasil e o Ministério dos Esportes e Juventude da República do Iraque". A contraproposta brasileira foi apresentada à chancelaria local em agosto desse mesmo ano. A reação iraquiana veio em março de 2013 e, conforme alertou o posto, o texto apresentado trazia "diferenças substanciais, tanto em termos de forma como de conteúdo, em relação à última proposta brasileira".

e) Cooperação entre Academias Diplomáticas: O Iraque apresentou, em maio de 2018, proposta de memorando de entendimento de cooperação na área de pesquisa e capacitação de pessoal diplomático entre o Instituto Rio Branco e o Instituto de Serviço Exterior Iraquiano. O Brasil manifestou-se favoravelmente à proposta. O último andamento refere-se a Nota Verbal da embaixada do Iraque em Brasília ao Instituto Rio Branco, manifestando o interesse iraquiano em firmar o memorando.

f) Cooperação em Defesa: As negociações bilaterais de um "Memorando de Entendimento sobre Cooperação em Defesa" tiveram início em 2015, no contexto de preparação da visita do então ministro da Defesa, Jacques Wagner, ocorrida em 11 e 12 de agosto de 2015. O último andamento foi verificado em novembro de 2019, quando a embaixada em Bagdá remeteu nota à chancelaria iraquiana com nova contraproposta brasileira para o texto. O documento está, desde então, sob análise do lado iraquiano. Apesar das gestões da Embaixada, não houve respostas do governo iraquiano, que se viu envolto em manifestações populares, crise política e mudança de chefias de governo e dos ministérios da Defesa e do Interior, os dois interlocutores oficiais locais sobre o tema. Para além da assinatura do memorando, esta embaixada tomou a relevante iniciativa de solicitar e realizar reuniões

com autoridades do ministério da Defesa do Iraque responsáveis pela aquisição de toda sorte de suprimentos para suas forças regulares, de equipamentos médicos, armamentos leves, peças de reposição, veículos terrestres e aeronaves, a fim de apurar demandas e identificar possibilidades. Os diagnósticos foram informados, com destaque para o interesse iraquiano na cooperação bilateral para formação de recursos humanos e a ampla demanda por toda sorte de produtos brasileiros para a área de defesa e segurança, o que justificaria esforço brasileiro para reincluir participantes iraquianos em iniciativas como a bienal LAAD (Latin American Defence and Security Exhibition), cuja próxima edição está prevista para ocorrer em 2021.

g) Isenção de Vistos para Passaportes Diplomáticos e de Serviço: A chancelaria iraquiana, em 14 de agosto de 2018, apresentou sua proposta de "Memorando para Isenção de Vistos para Portadores de Passaportes Diplomáticos, de Serviço e Especiais". A Nota Verbal fazia menção a tratativas anteriores entre a embaixada iraquiana em Brasília e a SERE. O assunto ainda não teve seguimento.

h) Apoio por Votos em Organismos Internacionais: O Iraque tem-se mostrado receptivo às solicitações de apoio a candidaturas brasileiras, mas, muitas vezes, talvez devido à ineficiência da sua estrutura, a chancelaria iraquiana deixa de formalizar os votos solicitados.